

Pesquisa descreve seis novas espécies de moscas na Amazônia brasileira

Category: AMAZÔNIA, GERAL

escrito por Alice Ketllen | 1 de setembro de 2026



Uma pesquisa realizada no Laboratório de Biodiversidade e Evolução de Panarthropoda (Labep), vinculado à Coordenação de Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (Cozoo/MPEG), revelou a existência de seis novas espécies de moscas do gênero *Dexosarcophaga*. No mesmo artigo científico, são apresentadas informações sobre a distribuição geográfica de outras seis espécies do mesmo gênero, vistas pela primeira vez na Amazônia brasileira.

As moscas desempenham um papel ecológico essencial na natureza: decompõem quase todo tipo de material orgânico, são polinizadoras, fazem parte da cadeia alimentar de outros animais, como aranhas e anfíbios, e também podem ser predadoras de outros insetos.

O estudo foi desenvolvido pelos pesquisadores Matheus Tavares de Souza (PPGZ00L/MPEG/UFPA), Caroline Costa de Souza (Namosca/Ufra), Fernando da Silva Carvalho Filho (MPEG) e Maria Cristina Esposito (ICB/UFPA). O resultado da pesquisa foi publicado em julho, na revista científica internacional “*Journal of Medical Entomology*”.

Os pesquisadores descreveram as novas espécies e as nomearam a partir de três critérios: duas espécies homenageiam

pesquisadores do Museu Goeldi (Alberto Akama e Inocência Gorayeb), que coletaram os espécimes e lideraram expedições do MPEG aos locais onde foram amostrados; três fazem referência aos locais em que foram encontradas (sendo que um desses locais também já faz homenagem a Adolpho Ducke, também contratado como pesquisador do Museu, no final do século XIX); e uma espécie foi nomeada em memória do pai da pesquisadora Caroline Costa de Souza, que, segundo ela, foi uma referência fundamental para sua trajetória científica.

A importância das coleções científicas

Além de ampliar o conhecimento sobre a diversidade de moscas do gênero *Dexosarcophaga*, conhecidas no meio científico por sua relevância para a entomologia forense – por terem um papel fundamental na decomposição de matéria orgânica animal –, a pesquisa também destaca a importância das coleções científicas para o conhecimento da biodiversidade.

Isso porque as novas espécies já haviam sido coletadas há décadas e estavam guardadas em três coleções entomológicas brasileiras: do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém; do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus; e da Universidade Federal do Paraná (DZUP/UFPR), em Curitiba. O tempo em que estão nas coleções varia entre 10 e 36 anos. As espécies preservadas estavam aguardando o momento em que finalmente seriam descritas.

Morfologia das moscas

O principal método usado para descrever as seis novas espécies foi a análise morfológica, com foco na genitália masculina das moscas. O edeago é o órgão reprodutor masculino dos insetos, equivalente ao pênis. Localizado no fim do abdome, ele possui estruturas complexas capazes de diferenciar as espécies umas

das outras.

Para o estudo da genitália masculina, a porção final do abdome foi removida com alfinetes e aquecida em ácido láctico a 80% para dissolver os tecidos moles. As estruturas foram dissecadas e montadas em lâminas temporárias com glicerina. Após o estudo, as genitálias foram armazenadas em microfrascos contendo glicerol, juntamente com os espécimes originais montados em alfinetes.

A morfologia dos espécimes foi comparada com os diagnósticos estabelecidos na literatura científica para garantir que se enquadrassem no gênero *Dexosarcophaga*.

Caroline de Souza explica como essa análise foi realizada: “Se for fêmea, a gente não consegue identificar em um nível específico para a maioria dos grupos. Mas, se for macho, a gente estica a genitália e olha o formato e outros detalhes da estrutura para poder chegar a uma identificação. E no artigo a gente ilustra as genitálias masculinas, que é o que os outros especialistas vão utilizar para diferenciar essa espécie das demais”.

Mas por que tanto tempo para serem descritas?

O pesquisador Fernando Filho chama a atenção para o fato de que ainda se conhece pouco sobre a biodiversidade, em especial da Amazônia. Além disso, a quantidade de pesquisadores dedicados a descrever novas espécies é considerada pequena diante da imensidão da biodiversidade amazônica. O trabalho de taxonomia também é um processo longo, que pode durar vários anos. Por esses motivos, a descrição de uma espécie nova já incorporada a uma coleção científica pode levar muito tempo para ocorrer.

“A gente ainda tem muito para conhecer e poucas pessoas (no

campo da taxonomia), um esforço ainda reduzido para o número do que ainda tem para descobrir. Então, a descoberta de novas espécies adiciona conhecimento sobre biodiversidade”, explica a pesquisadora Caroline de Souza.

Distribuição geográfica

Além da descrição das novas espécies de *Dexosarcophaga*, outras seis espécies do mesmo gênero foram encontradas, pela primeira vez, em regiões da Amazônia brasileira, onde até então não havia registros. Entre elas, as espécies *Dexosarcophaga angrensis* (Lopes, 1975), que havia sido encontrada apenas na Mata Atlântica do sudeste do Brasil (Rio de Janeiro), e foi registrada pela primeira vez em Bragança, no Pará; a *Dexosarcophaga petra* Santos, Pape & Mello-Patiu, 2022, que antes só havia registros na Argentina e nos estados do Mato Grosso e do Rio de Janeiro, foi vista pela primeira vez na Serra dos Carajás, no Pará; e a *Dexosarcophaga rudicompages* (Hall, 1933), que foi encontrada em Novo Aripuanã, no Amazonas, mas só havia registros anteriores no Rio de Janeiro e no Panamá.

Já a espécie *Dexosarcophaga globulosa* Lopes, 1946, que, na Amazônia brasileira, só havia sido registrada nos estados do Pará, Amazonas e Roraima, foi registrada pela primeira vez em Rio Branco, no Acre, ampliando a sua distribuição geográfica na Amazônia brasileira. Outras duas espécies – *Dexosarcophaga pallida* Santos, Pape, & Mello-Patiu, 2022 e *Dexosarcophaga wyatti* (Mello-Patiu & Pape, 2000) – encontradas em Manaus, no Amazonas, representam um novo registro para o Brasil. Anteriormente, elas haviam sido descritas na Colômbia e na Guiana, respectivamente.

As novas espécies

- *Dexosarcophaga akamai*: a espécie foi descrita e nomeada em homenagem ao pesquisador do Museu Goeldi Alberto

Akama, que liderou em 2016 a expedição ao Cantão, região localizada na divisa dos estados do Pará, Tocantins e Mato Grosso, onde o espécime foi coletado. Ele ficou por 10 anos na coleção entomológica do MPEG, aguardando sua descrição.

- *Dexosarcophaga gorayebi*: a espécie foi nomeada em homenagem ao pesquisador do Museu Goeldi, Inocêncio Gorayeb, que participou, em 2000, da expedição à fazenda Ema, no município de Viseu, no Pará, onde Gorayeb coletou o espécime, que permaneceu por 26 anos na coleção entomológica do MPEG à espera da sua descrição formal.
- *Dexosarcophaga ducque*: a descrição desta espécie faz referência à localidade em que o espécime-tipo foi coletado, na Reserva Florestal Adolpho Ducke, em Manaus, no Amazonas. Integrada à coleção entomológica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) desde 1990, *Dexosarcophaga ducque* aguardou 36 anos para ser descrita, o maior tempo registrado nesta pesquisa.
- *Dexosarcophaga mamiraua*: a espécie recebeu o nome em homenagem à Reserva Mamirauá, local em que o espécime foi coletado, em 1993, por dois pesquisadores do Museu Goeldi: Inocêncio Gorayeb e Orlando Tobias Silveira. Após 33 anos, o espécime foi descrito.
- *Dexosarcophaga ribeirinha*: o termo “ribeirinho” é utilizado para designar aqueles que vivem à margem dos rios. Coletada em 2010, sobre a lâmina d’água, às margens do rio Paduari, em Mamirauá, no Amazonas, o nome dessa espécie faz referência ao ambiente em que foi coletada. O espécime aguardou 16 anos na coleção entomológica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) para ser descrito formalmente.
- *Dexosarcophaga harin*: a espécie foi coletada em Mamirauá, no Amazonas, em 1993 e permaneceu por 33 anos na coleção do MPEG. A descrição homenageia Paulo “Harin” Galvão, pai da pesquisadora Caroline de Souza, que faleceu em 2023. Harin foi o maior incentivador dos

estudos em biologia da filha, que atualmente é professora do curso de biologia da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), no campus de Capitão-Poço, e coordena o Núcleo Amazônico de Pesquisa em Morfologia, Sistemática e Ecologia de Artrópodes (Namosca), vinculado à mesma universidade

Fonte: OLIBERAL e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
01/09/2026/17:25:35

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: -93- [984046835](tel:93984046835) (Claro)

- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com